

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Melhor que nada

O governo não vai propor modificações na proposta de Reforma Tributária apresentada pelo relator, senador Eduardo Braga (MDB-AM). A ordem é não criar conflitos que possam comprometer a aprovação do texto. A reforma não é perfeita, mas é a possível para este momento, conforme Fernando Haddad já havia antecipado em entrevista ao **Correio**, na semana passada.

Recado ao Judiciário

Os senadores encerram, nesta semana, as sessões de debates da proposta de emenda à Constituição que limitará as decisões monocráticas dos ministros do Supremo Tribunal Federal. A expectativa é de aprovação por ampla maioria assim que for a voto.

Servidores sob tensão

A decisão do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), de suspender o envio do ofício da nomeação de Daniela Teixeira e dos outros dois desembargadores indicados para o Superior Tribunal de Justiça (STJ) e abrir uma investigação coloca os servidores do próprio Senado sob suspeita de favorecimento à advogada. Se Pacheco não tivesse agido rápido, Daniela seria nomeada antes dos dois outros aprovados para o STJ no mesmo dia. Pode ter sido apenas um mero esquecimento, mas ficou estranho. Muita gente passou o feriado preocupada.

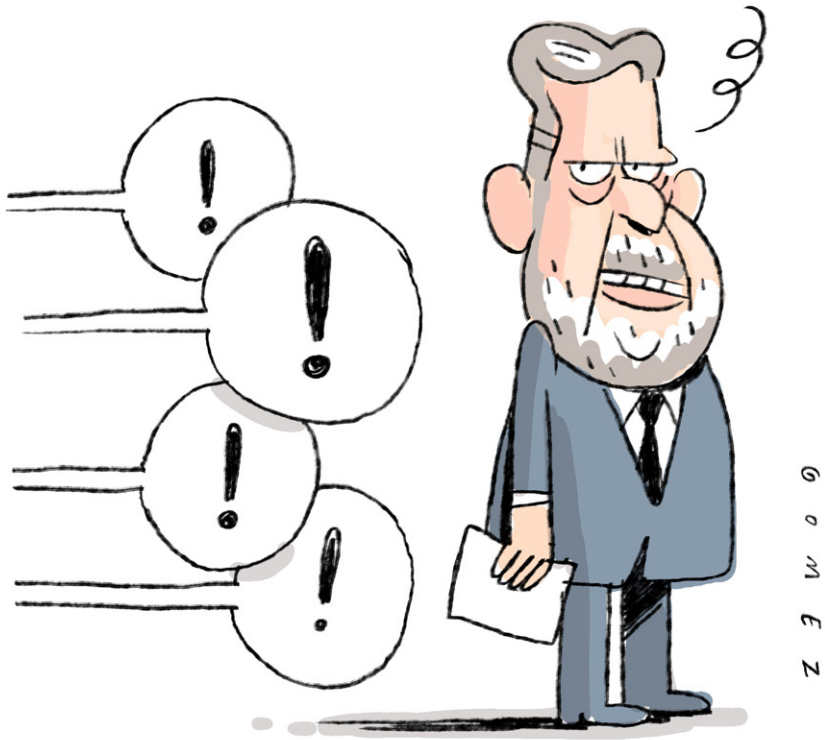
Discurso & atitude

A fala do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, em defesa de uma pausa humanitária nos bombardeios em Gaza, foi vista no Brasil como mais um gesto para tentar dar uma satisfação à opinião pública interna. Até porque ele fez essa menção depois de uma cobrança durante discurso. Se fosse para valer, avaliam alguns diplomatas brasileiros, os Estados Unidos teriam aprovado — ou proposto — alguma resolução nesse sentido ao Conselho de Segurança da ONU.

Fique na sua, Arthur

Na hipótese de haver muitos candidatos a sua sucessão, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), já foi aconselhado por seus mais fiéis escudeiros a não fazer qualquer gesto em defesa de nenhum deles. Esses amigos de Lira recordam que, quando Lira foi candidato pela primeira vez, o então presidente da Casa, Rodrigo Maia, jogou seu peso na candidatura do emedebista Baleia Rossi (SP). Rossi obteve 145 votos. Lira, com 302, foi eleito em primeiro turno.

Naquele período, Lira tinha o apoio do governo Bolsonaro. Baleia Rossi e Rodrigo Maia não tinham uma boa relação com o Planalto. Lira, à época, criou um sentimento de coesão na Casa, especialmente nos partidos do Centrão. Desta vez, embora Lira esteja na posição de ajudar o governo, o Centrão tende a se pulverizar em várias candidaturas. E, para completar, a parceria de Lira com o governo não é uma relação de amigos para sempre. Portanto, avaliam alguns, da mesma forma que o atual presidente da Câmara derrotou os adversários em sua eleição em 2021, agora, pode ser derrotado caso insista num candidato. Rodrigo Maia perdeu densidade política depois de presidir a Câmara. Lira, se jogar errado, pode ter o mesmo destino.



CURTIDAS

Fábio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil



Alckmin passou no teste/ Prestes a fechar o primeiro ano do governo Lula 3, o PT se mostra aliviado com o vice-presidente Geraldo Alckmin (**foto**), do PSB paulista, que ocupa também o Ministério de Indústria e Comércio. Não houve um só conflito de grande proporção com o vice. Ao contrário. Só parceria e elogios por parte dos demais ministros e dos parlamentares.

Por falar em Geraldo... / Ontem, em suas redes sociais, ele postou que o Brasil fechará o ano com o maior saldo comercial desde 1980 e atribuiu ao presidente Lula a frase: “Foguete não tem ré, companheiro Geraldo”.

Quem avisa, amigo é/ Tem muita gente aconselhando Ricardo Salles a permanecer no PL. Afinal, quando ele quis concorrer a uma vaga de deputado federal, o partido lhe deu legenda. Para completar, o cenário político é dinâmico. Se, até as eleições municipais, o radicalismo voltar a ganhar terreno, nada impede que ele empaque uma candidatura pelo próprio partido mais à frente.

Castro em SP/ O governador do Rio de Janeiro, Claudio Castro, participa nesta segunda-feira de almoço-debate do grupo Líderes Empresariais (LIDE), em São Paulo, no hotel Palácio Tangará. Está prevista a presença de 300 empresários, ávidos por saber se há segurança para investir no balneário.

GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Brasileiros deixam a Palestina

Grupo que estava em cidades da Cisjordânia desembarcou em Brasília. Na Faixa de Gaza, o clima é de expectativa e medo

» FRANCISCO ARTUR

O avião da Força Aérea Brasileira (FAB) com brasileiros que estavam na Cisjordânia — território palestino ocupado por Israel — pousou na Base Aérea de Brasília, ontem, com 32 passageiros (incluindo 11 crianças). Todos embarcaram na quarta-feira, em Omã, capital da Jordânia, onde a aeronave ficou estacionada aguardando a retirada dos brasileiros, organizada pelo Itamaraty. Seis repatriados desembarcaram de madrugada, no Recife.

Dos 26 passageiros que chegaram à capital, apenas um ficou na cidade. O restante seguiu viagem para outros estados em voos comerciais regulares. Essa nova repatriação se deu após a atuação do Escritório de Representação do Brasil em Ramala e das Embaixadas em Amã e Tel Aviv. O Itamaraty providenciou veículos e garantiu a passagem dos brasileiros por postos de fronteira administrados por Israel e Jordânia, na ponte Rei Hussein, além do traslado, em segurança, por ônibus e vans, a partir de diferentes pontos na Cisjordânia até o aeroporto de Amã.

Após descer da aeronave, Nazmieh Mohamed, 72 anos, segurava uma bandeira do Brasil. Ela foi a única que tinha Brasília como destino final. Segundo ela, ainda há muitos brasileiros que residem nos territórios palestinos. Sobre a situação na Faixa de Gaza, que iniciou um lento processo de retirada de estrangeiros do enclave, ela lamentou: “Ninguém está seguro lá (nos territórios ocupados por Israel)”. Em solo brasileiro, disse se sentir livre e segura.

Segurança e alívio foram sensações comuns aos 26 brasileiros

Divulgação João Risi / PR



Primeiro grupo de brasileiros repatriados dos territórios palestinos ocupados por Israel chegou à Base Aérea na manhã de ontem: alívio e segurança

repatriados da Cisjordânia. A missão de repatriação foi batizada pela Aeronáutica com o nome de Voltando em Paz. O grupo resgatado contou com 12 homens, nove mulheres e 11 crianças. Entre os adultos, havia seis idosos — incluindo dois cadeirantes.

Quando desembarcou do avião, ao lado do filho Taric, Amer Aziz, de 40 anos, relatou um clima tenso na região que deixou. “Lá, era difícil se locomover porque havia pessoas armadas nas ruas e muito barulho de bombas”, contou.

Questionado se deseja retornar à Palestina algum dia, ele afirmou que ficará no Brasil para esperar “as coisas melhorarem” naquela região. Amer, Taric e mais três filhos foram para Foz do Iguaçu (PR). “Eu quero paz”, resumiu Amer.

O capitão médico Gustavo Messias Costa classificou o voo de resgate de brasileiros na região da Palestina como “tranquilo”. “Não houve problemas com os passageiros. Havia alguns com comorbidades, mas não manifestaram intercorrências”, disse.

Faixa de Gaza

O chanceler brasileiro, Mauro Vieira, conversou ontem com o homólogo egípcio, Sameh Shoukry, sobre a situação dos 34 brasileiros e parentes que seguem retidos no enclave palestino da Faixa de Gaza, aguardando a repatriação. O grupo espera a liberação da fronteira em Rafah para entrar no Egito, onde uma aeronave da Presidência da República aguarda o resgate de 24 brasileiros e 10 parentes.

O governo egípcio, que prometeu manter a fronteira aberta

e amanhã seja anunciada uma nova lista de autorizados a cruzar a fronteira, com a inclusão dos brasileiros.

Desde 10 de outubro, 1.445 pessoas deixaram Israel e a Cisjordânia em nove voos da Força Aérea Brasileira (FAB), pela Operação Voltando em Paz. Os esforços diplomáticos, agora, se concentram nas negociações com os governos de Israel e do Egito para permitir o resgate de 24 brasileiros e 10 parentes.

O governo egípcio, que prometeu manter a fronteira aberta

Vinicius Neves / Secom PR



Ninguém está seguro lá (nos territórios ocupados por Israel)”

Nazmieh Mohamed, brasileira repatriada

por, pelo menos, duas semanas. A passagem começou a ser liberada para estrangeiros na quarta-feira, após forte pressão internacional. Na primeira abertura, foram evacuados de Gaza mais de 500 estrangeiros de várias nacionalidades, incluindo 90 feridos. Ontem, os 400 nomes autorizados eram de estadunidenses. A passagem de Rafah já foi aberta na semana passada, mas apenas para a entrada de caminhões com ajuda humanitária. Desde que a fronteira foi reaberta, há três dias, para saída de estrangeiros que estão em Gaza, menos de 400 pessoas conseguiram deixar a zona de guerra. Entidades que prestam ajuda humanitária aos moradores da cidade sitiada estimam em mais de 7 mil o número de estrangeiros que aguardam repatriação. **(Colaborou Henrique Lessa)**